

**FESTA DO TROPEIRO DE SILVEIRAS:
Uma abordagem folkcomunicacional**

Daira Renata Martins Botelho¹

Resumo

Por meio de um olhar folkcomunicacional para a relação social e comunicativa estabelecida com o entorno (como a comunidade, economia, poder público), foi possível traçar a trajetória da Festa do Tropeiro de Silveiras que acontece no interior de São Paulo, e perceber a manutenção de aspectos tradicionais e reinventados a partir da cadeia que envolve a festa que acontece no último final de semana do mês de agosto todos os anos. Apesar de ter em sua perpetuação o caráter forte da oralidade, a festa também conta com influências da contemporaneidade, como a mídia e a relação com aspectos econômicos.

Palavras-chave: Comunicação. Folkcomunicação. Cultura. Mídia. Festa do Tropeiro.

Introdução

Vive-se a velocidade, a comunicação aliada à tecnologia para fazer com que a informação – e a própria comunicação – aconteça de forma instantânea. Os indivíduos estão em rede, conectados, realmente como uma aldeia global, no entanto, há o auxílio das tecnologias para alavancar esse processo. A sensação que se pode perceber é a inundação do dia-a-dia de informação.

A Idade Mídia diz respeito, sobretudo, à comunicação midiática, relacionando-a com as outras esferas da sociedade, já que esse tipo de comunicação “não só alcançou sua autonomia como passou a mediar todos os outros campos sociais.” (BARBALHO, 2005, p. 35). Apesar de apenas citar o termo em seu artigo – que tem data do ano de 2005 – , Barbalho nos dá um indicativo eficiente na explicação do conceito.

No entanto, foi o artigo do professor e pesquisador da Universidade Federal da Bahia, Antonio Albino Canelas Rubim: *A contemporaneidade como idade mídia*, publicado na Revista Interface do ano de 2000, que subsidiou a fala sobre essa fase da comunicação.

¹ Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC, da Universidade Estadual Paulista – UNESP de Bauru. E-mail: dairarmb@yahoo.com.br

Rubim traça o aspecto de envolvimento da comunicação, não como sedução, mas com o papel de inserção, ou seja, os indivíduos passam a estar inseridos nessa Idade Mídia, mesmo que involuntariamente. A comunicação faz parte do cotidiano, das relações, e é nomeada pelo autor como uma “onipresença tentacular”, que está em todos os aspectos da vida do indivíduo “como uma quase e segunda “natureza”, que traça a sociabilidade contemporânea” (RUBIM, 2000, p. 29). Ou seja, a forma como os indivíduos vivem, interagem uns com os outros, se informam, tudo está envolto pela esfera da comunicação feita e divulgada pelas mídias.

É nessa era que acontece a Festa do Tropeiro, uma festa popular que foi analisada pelo viés da Folkcomunicação, com o objetivo de verificar as relações da manifestação de cunho popular com os diversos setores da sociedade como, por exemplo, o poder público, a economia e a comunidade.

Um “tiquinho de história”

A região do Vale do Paraíba – situada no eixo Rio – São Paulo foi decisiva na criação de uma alternativa aos caminhos que vinham sendo utilizados para transporte e escoamento do ouro das Minas Gerais. A cidade de Silveiras fica no Vale do Paraíba e nasceu de um dos ranchos que foram se formando ao longo do caminho. Silveiras passou pelos estágios de bairro, freguesia, vila, comarca e em 22 de fevereiro do ano de 1864, Silveiras recebe o título de cidade. Atualmente, Silveiras é um município de 415 km², com população de 5.786 habitantes², sua atividade econômica compreende a pecuária leiteira, agricultura e o artesanato³.

O movimento tropeirista, assim chamado pelos moradores da cidade de Silveiras, começou no final da década de 70, com objetivo muito simples: “trazer as pessoas pra

² Dados da cidade de Silveiras disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Cidades@. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=355200#>>. Acesso: jan/2012. Os dados mais recentes foram encontrados também no site do IBGE, com informações referentes ao Censo 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=35>. Acesso: jan/2012.

³ Informações disponíveis no site da Prefeitura Municipal de Silveiras: <<http://silveiras.sp.gov.br/>>. Acesso: jan/ 2012.

nossa cidade” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁴. O início do movimento que culminou na Festa do Tropeiro foi a chamada Silveirarte, uma feira de artesanato que foi realizada de 1979 a 1981.

Jerônimo Costa, um dos últimos tropeiros vivos, conta que, no ano de 1980, aconteceu um *Rally* de Carroça, com algumas pessoas que faziam a representação do tropeirismo na praça da cidade, apresentando, também, a comida do tropeiro. “E se nós desfilar com uma tropa?”, essa foi a sugestão de Jerônimo para celebrar o aniversário da cidade, e no dia 28 de fevereiro de 1980 foi feito o desfile das tropas, evento que se tornou o berço da Festa do Tropeiro de Silveiras, ideia que partiu de Ocílio Ferraz. No ano seguinte – 1981 – acontece a primeira edição da Festa do Tropeiro.

O grupo que deu início à atividade do tropeirismo através da festa não tinha intuito de lucro, segundo as palavras de Jerônimo. O objetivo era ajudar na construção – real e moral – da cidade. No surgimento da festa, tudo era mais simples, ou seja, não havia o caráter de entretenimento que existe hoje. O tratamento dado à Festa tinha um caráter de prosa, da conversa em volta do fogo. Os violeiros e cantores que se apresentavam não faziam uso de microfones, a voz era só de “gogó”, não havia a contratação de “artistas”, “(...) era só chegar e pedir pra tocar”, diz Jerônimo.

No entanto, os tropeiros não contavam com tamanho sucesso, como nos conta Jerônimo: “a gente construiu a Santa Casa com o dinheiro que conseguimos com a Festa, e o pessoal não queria que a gente parasse! Nós continuamos fazendo e também ajudamos a construir a creche da cidade” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁵.

Depois de aproximadamente 10 – 12 anos de seu surgimento, a Festa do Tropeiro passou a ser gerida pela prefeitura da cidade. Existem algumas versões para o fato que vai do crescimento exponencial da festa, ficando impossível a organização por parte do grupo fundador, até perseguições políticas, e conflitos entre partes responsáveis pela organização e, até mesmo, com as autoridades da cidade.

A Festa acontece sempre no último final de semana de agosto, no entanto, há comemorações durante todo o mês, considerado pelos moradores, o mês do tropeiro. No final de semana que antecede a festa acontece o rodeio, com shows de artistas renomados,

⁴ Palavras de Jerônimo Costa, tropeiro. Entrevista concedida à autora no dia 01/mar/2012 na casa do entrevistado, na cidade de Silveiras.

⁵ Entrevista concedida à autora no dia 01/mar/2012.

realizados no Recinto de Exposição da cidade. De acordo com Francisco Togeiro (secretário do turismo), a cidade chega a receber 100 mil pessoas em apenas uma edição da Festa.

Durante a Festa do Tropeiro em si, a estrutura se dá desta forma:

- Sexta-feira: *shows* no período da noite.
- Sábado: For-Mula (uma brincadeira que envolve a corrida de mulas); apresentações na Praça do Tropeiro e *show* à noite.
- Domingo: missa sertaneja pela manhã, almoço feito no Rancho Tropeiro, desfile das tropas realizado no período da tarde, geralmente depois do almoço, finalização com *show* e forró.

Folkcomunicação

Na década de 60, no Brasil, a população ainda acostumava-se à chegada da televisão e da disseminação dos meios de comunicação de massa já existentes, padronizados pelos modelos europeus e estadunidenses. No entanto, Luiz Beltrão acreditava que a sociedade, mesmo sendo chamada de massa, não estava totalmente caracterizada como tal, devido aos grupos que não eram contemplados pela comunicação de massa e que, porventura, realizava a comunicação de diferentes formas.

Seu primeiro artigo com indicações sobre a Folkcomunicação ao tratar dos ex-votos foi publicado na Revista Comunicação & Problemas⁶: “*O ex-voto como veículo jornalístico*”. Ex-votos são os pagamentos de promessas feitos pelos fiéis em forma de agradecimento por uma graça alcançada, podem ser em forma de fotos, vestimentas, partes do corpo feitas em cera, etc.

O objeto pelo qual o autor se interessou não foram propriamente as manifestações, e sim a comunicação que as permeava, e usou o folclore como ponto de partida por conter uma maior gama de possibilidades acerca da comunicação popular por meio de suas

⁶ Luiz Beltrão foi o criador do Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM – que tinha o objetivo de pesquisar a comunicação no Brasil. Por meio desse Instituto, foi lançada a Revista Comunicação & Problemas, a primeira revista científica da área de comunicação e que divulgava as pesquisas realizadas pelo ICINFORM, bem como outros artigos. Seu primeiro exemplar circulou no ano de 1965.

manifestações. Além disso, recorreu à pesquisa etnográfica, feita por meio da profissão de jornalista, que o levou a informações acerca dos grupos que seriam delimitados por ele mais tarde.

Mesmo tendo sido pensada, sistematizada e publicada nos anos 1960, a teoria da Folkcomunicação insere-se com facilidade nas pesquisas das manifestações populares, bem como a comunicação. A teoria descrita por Luiz Beltrão traz contribuições para entender os aspectos envolvidos nessa dicotomia estabelecida e mantida através do subjugar das classes subalternas, pois é verificado que “a arte, as crenças, os ritos, a medicina, os costumes dessas camadas sociais – os seus meios de informação e de expressão – continuam ignorados em toda a sua força e verdade.” (BELRÃO, 2004, p. 62), ou seja, as camadas consideradas subalternas, marginalizadas, não têm vez, muito menos voz, dentro do modelo de economia e comunicação vigente.

Análise da festa

- Estrutura

A partir desse quesito é possível entender a ideia de Sodré quando afirma que a cultura, a partir da industrialização, serve cada vez mais à reprodução das relações capitalistas (SODRÉ, 2001, p. 22), pois as mudanças estruturais não aconteceram antes devido à firmeza dos organizadores em manter a festa como fora pensada desde o início.

Entretanto, com a intervenção do poder público, houve a inserção de elementos com objetivos de atrair mais público, conceito presente por várias vezes na fala do secretário de turismo da cidade. Consequentemente, com o aumento do número de pessoas, a disposição da festa precisou ser alterada e estendida para novos espaços (como para as outras duas praças da cidade).

Apesar do secretário de turismo afirmar que há estrutura para atender a todos os visitantes, uma das artesãs⁷ do ateliê de artesanato Entre no Paraíso, diz que “a cidade fica

⁷ A entrevistada preferiu não ser identificada na pesquisa.

lotada de ônibus que chegam de madrugada, e as pessoas passam o dia bebendo, parece uma festa de peão, cheio de cavalos e bêbados.” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁸.

É possível afirmar que a cultura tropeira foi suprimida pela festa do peão, que tem como principais personagens os cavaleiros, o rodeio, animais (cavalos e bois), vestimentas características e que podem ser vistas na festa: chapéu, botas, cintos com fivelas, etc.

- Público-alvo

De acordo com Togeiro, a divulgação é voltada para o núcleo familiar, o que se justifica pelo fato de a família gastar mais, aproveitar melhor a festa e não causar problemas à administração e organização do evento. Mas variados grupos podem ser encontrados na Festa do Tropeiro. A presença de idosos, adultos, jovens e crianças é praticamente equiparada – apesar de não haver dados oficiais –, no entanto, é possível notar um número maior de jovens entre 18 e 35 anos.

A mudança do público que hoje participa da festa foi notada pela artesã do ateliê Entre no Paraíso:

O problema é que são outros tipos de pessoas que vêm à festa. Antes a festa era voltada para arte e cultura, vinham famílias, com seus carros próprios, etc. (...) As famílias que vinham, não vêm mais, pois não querem este tipo de festa, lotada de barracas de linguiça e *caipfruit* por toda a cidade. (INFORMAÇÃO VERBAL)

Pode-se notar a presença de elementos antes inexistentes na festa e a associação de uma manifestação à outra, de uma forma invasiva e prejudicial através da fala da entrevistada, que considera o fato um problema para a festa. Problema esse tratado pela Prefeitura como a modernidade da manifestação que precisa acompanhar as outras festas.

O objetivo da organização foi alcançado ao passo que o número de pessoas que participa da festa é satisfatório, porém, de acordo com os depoimentos, os visitantes perderam o interesse pela cultura e arte que estiveram presentes como protagonistas no passado. E esse novo público reflete no aspecto econômico da festa.

- Aspectos econômicos e culturais

⁸ Entrevista concedida à autora por e-mail em jul/2012.

A Festa do Tropeiro é responsável pelo movimento econômico de um ano em um mês na cidade, de acordo com Togeiro. Além dos moradores que participam desse “giro”, há muitos barraqueiros que vêm de outras cidades para fazer o comércio na festa.

Apesar de o principal prato ser o almoço tropeiro, oferecido no domingo no Rancho do Tropeiro e em outros estabelecimentos como em um bar situado em frente à Praça do Tropeiro, a gama de itens alimentícios é enorme: sanduíches, doces, camarão no espeto, bebidas em geral, entre outros.

Maria Isaete Monteiro Fialho, presidente da Associação silveirense de artesãos e empresas produtoras de artesanato (ASAÉPA), afirma que o movimento de vendas dos artesãos não é grande⁹; contrariando a fala de Togeiro, na qual o secretário explicou que, em suas conversas com os expositores, há o relato da produção e venda de metade do que seria vendido no ano.

A fala de Maria Isaete é confirmada pelo artesão Sandro Benedito da Silva:

No início a festa era mais voltada para a tradição Tropeira e artesanato, hoje ela tomou uma proporção muito grande e se tornou uma festa popular com um número grande de pessoas, com isso houve uma diminuição no número de pessoas que expõem seus artesanatos. (INFORMAÇÃO VERBAL)

E da artesã do ateliê Entre no Paraíso:

Para nós do atelier Entre no Paraíso o movimento da Festa do Tropeiro é muito ruim, vem muita gente mesmo (a cidade não tem infraestrutura para tanto), mas infelizmente a maioria são pessoas que não vêm para apreciar a cultura, a arte e comprar artesanato, e sim para dançar e beber na festa, esta festa perdeu a característica cultural que tinha antigamente, agora é só bagunça. (INFORMAÇÃO VERBAL)

De forma oposta, reage a rede hoteleira. Os hotéis e pousadas da cidade ficam com a lotação esgotada durante os dias da festa. Na Pousada e Restaurante Pouso do Tropeiro a indicação para os visitantes é fazer a reserva com um mês de antecedência, pois de última hora é praticamente impossível conseguir uma vaga. No início do mês de julho as reservas somam metade das vagas existentes.

⁹ A ASAÉPA não possui dados sobre a quantidade dos artesãos existentes em Silveiras, nem sua produção ou números de vendas. Acataram-se as informações proferidas por Maria Isaete enquanto presidente da Associação e o seu contato com os artesãos para legitimar a informação.

Dentre as formas de participar dessa cadeia produtiva, estão os estacionamentos: os terrenos em torno das atividades da Festa do Tropeiro são convertidos em estacionamento, tornando-se, também mais uma forma de renda dos munícipes. E os negócios não ficam somente no patamar da estrutura e alimentação, um dos serviços oferecidos por uma empresa privada é o passeio de helicóptero, que proporciona a vista panorâmica do evento.

Também de acordo com as duas falas acima é possível remeter a dois conceitos de extrema importância: cultura e cultura popular.

Na fala de Sandro Benedito da Silva, pode-se observar a presença de elementos que indicam que a festa, em seu início, não era considerada popular, tratava-se de uma manifestação tradicional, sem a presença do grande público. Fato que mudou de acordo com o entrevistado, pois a festa torna-se popular a partir do momento em que ela cresce e abarca um maior número de pessoas.

Já para a artesã do ateliê Entre no Paraíso, o conceito de cultura fica bem claro quando afirma que a festa perdeu a característica cultural do passado, ou seja, a tradição, e se tornou apenas mais uma festa como todas as outras, levando a crer que a cultura para ela gira em torno da arte, da festa enquanto produtora de cultura através do artesanato, das relações estabelecidas entre o público que a frequentava a Festa do Tropeiro no início em divergência com o que é visto atualmente.

- Comunicação e mídia - Folkmídia

Para a comunidade, os iniciadores do movimento – Ocílio Ferraz, Jerônimo Costa, Nenê Emboava, João Mequeco e Tião Batista – agiram como os líderes de opinião na organização, na convocação das pessoas para participar, na elaboração e aplicação das regras, no se colocar à frente para realizar o evento que julgavam importante para a cidade.

O conceito do líder de opinião trata daqueles que falam para a comunidade em uma posição de destaque, não necessariamente como os meios de comunicação ou intelectuais, pois

(...) na Folkcomunicação há maior elasticidade em sua identificação: os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são autoridades reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo

ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e, em geral, alcançando a posição de conselheiros ou orientadores da audiência, sem uma consciência integral do papel que desempenham. (BELTRÃO, 2004, p. 80)

O papel de líder de opinião – em particular – de Ocílio Ferraz estendeu-se para a comunidade envolvida com a mídia, pois, devido aos amigos que possuía nos meios de comunicação fizeram com que a imprensa estivesse presente na Festa do Tropeiro, formando a rede de comunicação que auxiliou na construção e disseminação da festa.

Hoje não é possível reconhecer um líder de opinião na Festa do Tropeiro, pois a organização está centralizada no poder público que divulga as datas, a agenda de atividades, bem como os *shows* e as atrações que deverão compor o evento. De forma que a comunidade, nem com representantes, participa do processo de organização da festa, a tarefa é feita exclusivamente pela prefeitura.

A presença da mídia teve participação essencial no processo de construção da Festa do Tropeiro e sua divulgação, tal proximidade dos meios de comunicação de massa se deu pelos de conhecidos de Ocílio Ferraz. Por esse motivo, a rede de comunicação formada atingiu a imprensa da região e fez com que a divulgação fosse realizada em grande escala e trouxesse maior público a cada edição da festa. Para Ocílio, a mídia foi a responsável pela criação da aura bucólica que a cidade possui até hoje e, com isso, se manteve no imaginário das pessoas.

Em pesquisa feita entre os anos de 1997 a 2008 no acervo *online*¹⁰ do jornal O Valeparaibano, pode-se acompanhar o crescimento da festa ao longo desses 10 anos. E, a partir do conteúdo, é visível o crescimento a partir dos dados encontrados nas matérias.

Para verificar a incidência da Festa do Tropeiro nos jornais de maior circulação e a abrangência da festa, a pesquisa qualitativa foi realizada entre os meses de abril e setembro de 2011¹¹, através da busca pelas palavras: Festa do Tropeiro, nos jornais “O Vale” e “O Estado de S. Paulo”. Como resultado não foi encontrada nenhuma aparição da expressão.

A comunicação espontânea citada pelo secretário de turismo é reconhecida como Folkcomunicação, a julgar pelas leituras de pesquisadores como Luis Beltrão, Marques de

¹⁰ Tal endereço eletrônico não está mais disponível na internet. A pesquisa foi realizada no ano de 2009 pela autora antes do site ter sido retirado do ar.

¹¹ O período escolhido remete aos meses que compreendem a festa, bem como o início de sua divulgação, que de acordo com o secretário de turismo, inicia-se em maio.

Melo, Roberto Benjamin etc. Trata-se, com efeito, da comunicação feita pelas pessoas através da oralidade, sem influência dos meios de comunicação de massa, sobretudo os hegemônicos¹².

Para verificar a existência desse viés, uma amostra de cem pessoas¹³ respondeu, durante a festa – no domingo, dia 28 de agosto de 2011 – a duas perguntas¹⁴: “Qual a cidade de origem?” e “Como ficou sabendo da festa?”.

Como resposta para a primeira questão, encontramos as seguintes cidades: Aparecida, Areias, Bananal, Cachoeira Paulista, Caçapava, Canas, Cruzeiro, Guaratinguetá, Itatiaia (RJ), Lavrinhas, Lorena, Pindamonhangaba, Piquete, Queluz, Roseira, Silveiras, Tremembé e Taubaté.

As respostas para a segunda questão proposta informam uma característica da Festa do Tropeiro que diz respeito à forma pela qual a manifestação se propaga¹⁵.

<i>Meio de Comunicação</i>	<i>Quantidade de pessoas em %</i>
Amigos	12
Cartaz da festa	3
Comparece todo ano	35
Considera tradição	3
Excursão	8
Internet	1
Mora na cidade	3
Mora perto de Silveiras	2
Mudou-se para Silveiras	1
Parentes	15
Rádio	10
Trabalho	3
TV	3
Vizinha	1

¹² Por meios de comunicação hegemônicos entendam-se os grandes conglomerados de comunicação provenientes de diferentes tipos de difusão.

¹³ O número considerado para o questionário foi estipulado em 100 pessoas devido a retratar uma amostra considerável de conteúdo.

¹⁴ Considerou-se suficiente somente as duas perguntas citadas, técnica que também foi utilizada com cautela devido ao ambiente no qual foi aplicada.

¹⁵ Na entrevista foram mantidas somente as duas perguntas, sem indicação de possibilidades para não influenciar na resposta dos presentes.

Conclusão

No ambiente da festa, pode-se perceber a presença de núcleos muito bem delineados que a compõem:

- *Núcleo tradicional, duro, de preservação cultural*: representado pelos idealizadores da festa – como Ocílio Ferraz, pelos comerciantes locais e, também, moradores, que julgam a manifestação atual como “bagunça”, afirmando que a festa de hoje nada tem a ver com o que existiu no passado, que não há preocupação com a apreciação da cultura e do artesanato existente na cidade. A esse núcleo soma-se a religiosidade demonstrada na realização da missa sertaneja.

- *Núcleo ressemantizado, refuncionalizado, fundido*: pode-se considerar a figura do tropeiro como centro desse núcleo, mostrado, hoje, como um *cowboy*: devido às vestimentas, ao meio de transporte – como a apresentação do carro de bois e cavalos no Desfile das Tropas.

- *Núcleo reinventado, o quase desaparecimento com a sobrevivência de traços*: composto por grande parte dos elementos que compõem a festa: os diversos tipos de música, o Rodeio, grandiosos *shows*. Pode-se aliar a esse núcleo a presença de itens não pertencentes ao tropeirismo: comida, barracas de jogos, brinquedos, parque de diversões.

A existência dos três núcleos que interagem entre si a cada dia da Festa do Tropeiro, é a forma motriz do funcionamento da rede de comunicação formada pela manifestação com o público participante e com a comunidade.

Assim, pode-se afirmar que a Festa do Tropeiro, apesar das relações que estabeleceu ao longo de sua história com setores econômicos e mercantis por conta do viés de entretenimento e espetacularização que adquiriu, ainda conserva o ideal de seu surgimento – o tropeirismo –, mesmo através de pequenos elementos que remetem para o tema; a intermediação comunicativa se mantém em toda sua trajetória, na junção da existência midiática com a comunicação interpessoal.

Enfim, trata-se de uma festa reinventada que atrai cada vez mais público consumidor da maneira como se apresenta hoje, configurando em uma festa que pode, a longo prazo, perder seu motivo central, dando lugar uma manifestação completamente aquém do motivo ao qual remete sua origem: o tropeiro.

Bibliografia

ALVES, José de Miranda. **Silveiras: história e tradição**. S/E. Silveiras, 1980.

BARBALHO, Alexandre. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo, Brasiliense, 2000.

RIBEIRO, Luana Manzione. **A festa e o movimento tropeirista em Silveiras: a cidade esquecida, a cidade lembrada**. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), São Paulo – 2005.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. A contemporaneidade como Idade Mídia. In: **Comunicação, Saúde, Educação**. v. 4, n.7, p. 25 – 36, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n7/03.pdf>>. Acesso: fev/2012.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura – o uso da cultura na era global**. Belo Horizonte, UFMG: 2004.